

## A Amazônia acreana e os sertões nordestinos na ótica de Euclides da Cunha no 105.º aniversário de sua trágica morte.

por Antônio Martins de Araújo  
(UFRJ / UFAC / ABRAFIL / CLEPUL)

### RESUMO

Este ensaio pretende demonstrar o bandeirante paulista mais próximo de nós que foi Euclides da Cunha. Graças a seu saber enciclopédico e à sua vocação jornalística, aprofundou as questões sociais e o fanatismo religioso dos habitantes de Canudos (BA) liderados pelo visionário messiânico que foi Antônio Conselheiro. Por lado, em face de sua determinação, de seu estofo cultural e de seu interesse pela solução dos problemas brasileiros, desincumbiu-se a contento da missão que lhe confiou o Itamaraty para solucionar o contencioso entre nosso país, a Bolívia e o Peru, relacionado com a determinação dos exatos limites desses três países.

### PALAVRAS-CHAVE

Antônio Conselheiro, conselheiristas; Canudos, canudenses; euclidianistas; resistência armada, messianismo, vernaculismo euclidiano, sertão, sertanejos, nordestinos, migrantes. Amazônia acreana, Comissão de Limites: Brasil, Bolívia e Peru, vicissitudes da longa jornada até as cabeceiras do rio Purus, terras sem história; rios em abandono; projeto utópico da ferrovia transacreana; bandeirantismo; vida atribulada; obra de repercussão internacional sobre os sertões nordestinos e a Amazônia acreana; morte trágica.

### *Introdução*

Em agosto de 2009, justo há cinco anos, a Biblioteca Nacional dedicou uma edição especial a de n.º 47, de sua prestigiosa *Revista de História* a “Euclides da Cunha / o homem, a obra prima, a morte trágica”.

Além dos importantes ensaios aí estampados sobre as principais obras euclidianas, incluíram-se as editadas sob a rubrica de *Dossiê Euclides da Cunha*, duas das quais se debruçam sobre algumas das prováveis causas de seu temperamento difícil e conflituoso.

Leopoldo Bernucci assina o ensaio *Desditosa sina*, assim resenhada ali: “*Á perda da mãe, a infância nômade, o temperamento explosivo, a retidão inegociável... Tudo em Euclides conspirava para uma vida turbulenta, e um fim trágico.*”

José Murilo de Carvalho, no ensaio *Fardas e farpas*, mostra como e por que *a relação de Euclides da Cunha com o Exército foi tão estreita como conflituosa*. Tanto aquele, como este ensaio deitam luz sobre o gênio irascível de Euclides.

Ainda compondo aquele dossiê merecem destaque tanto o ensaio de Regina Abreu sob o título *Assim se faz um mito*, assim resenhado pela Revista em tela: *Morto há um século, Euclides da Cunha se eternizou na memória nacional por seus valores humanos e pelo simbolismo de sua obra-prima*.

Especificamente sobre as principais obras euclidianas destaquem-se estes dois ensaios: *Chá de cadeira*, de Raimundo Nonato Pereira Moreira, assim resenhado pela Revista: *A caminho das operações de guerra em Canudos, o autor de Os sertões aproveitou a longa espera em Salvador para escrever e pesquisar*.

Já em *Floresta sertaneja*, a ensaísta Nísia Trindade Lima, tem assim resenhada pela Revista seu trabalho: *Em longa viagem à Amazônia, o escritor se depara com os mesmos brasileiros de Os sertões. Desta vez como migrantes, trabalhadores nos seringais*.

Walnice Nogueira Galvão, professora da USP e autora de doze livros sobre as obras de Euclides da Cunha, ao analisar o pano de fundo da capa da *Revista de História* da Biblioteca Nacional numa litogravura de D. Urpia (1897), assim se escreve a respeito das reportagens constitutivas do *Diário de uma expedição: A série de reportagens constituíram o embrião de Os sertões*. No livro, o escritor testemunharia sobre as coisas crudelíssimas que não mencionara, como a degola sistemática dos prisioneiros válidos, apesar de manietados, à vista dos comandantes.

E assim conclui seu juízo sobre a grandeza daquela obra: *lançado cinco anos depois, o livro resultaria numa formidável enciclopédia, em que hipóteses sobre as causas das secas que assolam o nordeste ombreiam com interpretações psicocriminais da instabilidade nervosa dos mestiços, e a crítica às táticas desenvolvidas pelo Exército com o exame de preceitos da ordem do sagrado. Tudo se entrelaça à saga da guerra e à reivindicação apaixonada da memória de Canudos e dos canudenses*. (pág 4 da *Revista de História da Biblioteca Nacional*).

*Uma visada sobre o estilo e o ideário de Os sertões*

As dificuldades enfrentadas pelo escritor Berthold Zilly a fim de traduzir para o alemão *Os sertões*, obra-prima de Euclides da Cunha dizem bem claramente da seleção vocabular caprichosa e do estilo retorcido daquele escritor brasileiro:

*Até um brasileiro culto tem muitos problemas para ler Os sertões, livro fascinante, mas semi-hermético. A primeira edição comentada em português de Leopoldo Bernucci, explica nada menos que três mil vocábulos, nomes e alusões.* (2009, 27)

E revela o esforço por ele dispendido a fim de sacrificar sua proverbial contenção estilística com vista a ser fiel, em sua tradução para a língua alemã:

*O estilo altamente retórico e às vezes patético do livro me parece um problema ainda mais sério para o alemão.[...] Tentei recriar essa pompa estilística, essa presença do grandioso e do sublime a serviço da sinceridade histórica.* (id., ibid.)

Ao confrontar a obra *Heart of darkness* (No coração das trevas), de Joseph Conrad (1899) com *Os sertões* (1902), de Euclides da Cunha, Zilly conclui:

*Nas duas obras, o centro da barbárie está ligado aos centros da civilização. Há, no entanto, uma diferença: Mr.Kurtz, o bárbaro dono do coração das trevas, está a serviço da civilização, ao passo que o Conselheiro, o líder supostamente bárbaro da comunidade de Canudos, se opõe a um ataque bárbaro dessa mesma civilização.* (id., ibid.)

Este feliz paralelo estabelecido por Zilly tem sido confirmado pela historiografia científica. Por outro lado, o crítico Fábio Lucas recorre mais de uma vez à obra *Fantasia exata*, de Franklin de Oliveira, para mostrar certo descompromisso de Euclides com os fatores econômicos que ensejavam a revolta de Canudos:

*“Euclides não chegou a dar importância devida aos fatores econômicos na exegese de Canudos. Quando saiu da área da interpretação geográfica e racial, foi para cair na explicação psiquiátrica, apoiado no maranhense Nina Rodrigues.”* (ob. cit., p. 304)

O saudoso escritor maranhense Franklin de Oliveira em sua seção *Livros na Mesa* de um jornal carioca de grande circulação, edição de julho de 1959, editou o ensaio *Euclides socialista*, no qual estabelece ilações da revolução de Canudos com outras de motivação religiosa como a dos Camponeses na Alemanha, com influência dos anabatistas.

Daí o paralelo que estabelece entre a revolta de Canudos e a alemã supracitada: *A objeção que se poderia fazer contra uma interpretação de Canudos como revolta agrária só poderia apoiar-se na constatação de seu alto ‘teor messiânico’.*

E conclui: “*Só dois anos após a publicação de Os sertões, Euclides enriquecia seu instrumentalismo sociológico com a visão econômica dos fatos sociais, como o demonstra o ensaio de Contrastes e confrontos*”. Mas ressalva: “[...] *se fizéssemos um estudo da tática e da estratégia dos guerrilheiros de Canudos, como o que Dragomiro fez sobre os aspectos militares de Guerra e Paz, veríamos que a descrição da guerra de movimentos dos jagunços coincide com as teses marxistas sobre guerrilhas, codificadas por R. Koniusciaia em La guerra partigiana vista da classici del Marxismo-leninismo.*”

Essa breve amostragem lança um pouco luz sobre o quanto Euclides zelava pelo bom uso do nosso vernáculo e quão sólidas suas convicções sobre os marginados brasileiros nordestinos e amazônico-acreanos

Em seu ensaio *A linguagem de Euclides* (1946, 71 passim, vd. Bibliografia passiva), com base nas refutações euclidianas às pretensas “correções” de Basílio de Magalhães a certos termos clássicos usados por aquele a um exemplar da 14ª edição de *Os Sertões* datada de 1938, Hersílio Ângelo relaciona-as assim:

Ao propor-lhe Basílio a permuta de *ferrotoados* (p.17) por *ferretoados* e *estavanadamente* (=de travão) p. 280, Euclides afirma havê-las colhido em Camilo Castelo Branco. Tenho para mim que ser esta última uma simples variante lusitana de *estabanadamente*, i.é.: de modo estabanado.

Diante do estranhamento de Basílio em relação aos termos *disvunerabilidade* (p. 201) (= propriedade que tem certos sujeitos de se curarem rapidamente das feridas), e *bermas* (p. 276) (= termo de fortificação: banqueta em que está o soldado na ocasião do combate) p. 267.

Reivindicando-lhe o regime de transitivos indiretos, de pessoa e não diretos, como os empregou Euclides, justifica-os este como de uso clássico. As frases impugnadas são: *obedeciam-no incondicionalmente* (p. 321), e *não sabia respondê-los.* (p. 526)

Cioso do vernáculo impecável e da fidelidade ao seu uso, Euclides relaciona cerca de uma dezena e meia de erros de revisão, dos quais destacamos estes dois: “*Fenton -- e não -- Fulton*” p.82) e “*Bruzzo Espinosa -- e não -- Bruno Espinosa.*” (p. 24)

No jornal carioca *Correio da Manhã* de 02/07/1960, Fábio Lucas assim discorre sobre alguns estilemas euclidianos: *Franklin de Oliveira aponta para sua prosa as seguintes características: o emprego da reduplicação vocabular; o apelo à hipérbole, ao paradoxo, ao oximoro; sobretudo, à sua tendência incoercível para jogar com os adjetivos u transformar quase tudo em adjetivo, ou a quase tudo dar função qualificativa.*

### *Projetos euclidianos*

A edição do *Diário Carioca* saída no dia 14 de agosto de 1959, anunciou que a Academia Brasileira de Letras celebraria no dia seguinte o 1.º cinquentenário da infausta morte de Euclides da Cunha.

Numa sessão, o acadêmico Affonso Pena Jr., além de focalizar as principais obras do homenageado, trouxe à baila trechos de cartas enviadas por Euclides a seus amigos mais chegados em que fala de seus projetos.

Em razão do grande sucesso alcançado pela 1.ª ed. de *Os Sertões*, rapidamente esgotada, abre seu coração e lhes confessa a surpresa diante do fato citado. Convêm transcrever da oração supracitada alguns trechos dessas cartas.

Agradecendo a uma gentileza que lhe fez José Veríssimo, afirma *ter tido, renascida uma velha comoção, que já supunha morta, a de calouro, nos bons tempos passados em vésperas de exame.*

Diante da repercussão altamente positiva alcançada pela crítica de Araripe Jr. Nas rodas literárias paulistas, revela-lhe haver sentido: *o enorme estontamento de sua recruta transmudado repentinamente num triunfados.* E ainda, num trecho alegórico (pleno de metáforas do mesmo campo semântico) diz: *Creio que sairei breve deste desvio morto da engenharia, sem descarrilhar; aproveitarei o primeiro triangulo de reversão que aparecer e avançarei na minha verdadeira estrada.* Trocando em miúdos, o que subjaz dessa alegoria: ‘abandonaria a engenharia estadual paulista, de constantes viagens aturando empreiteiros e recebendo ofícios capengas e mal escritos’.

A opinião exarada pelo Visconde de Ouro Preto à propósito daquela obra-prima, por si só, já valia como uma verdadeira consagração, pois para ele, *Os Sertões eram o único livro digno de tal nome que se publicou no Brasil depois de 15 de novembro.*

E nas sucessivas notas endereçadas a seu pai que o coração de Euclides se abre por inteiro. Lembre-se aqui a lição do *Eclesiastes*, segundo a qual *quem honra pai e mãe tem vida longa*. Se a morte lhe ceifou tragicamente a existência no esplendor dos seus quarenta e três anos, seu nome se pereniza nas obras que nos legou. Eis alguns trechos dessa correspondência: *O que sobretudo me satisfaz é o lucro de ordem moral obtido: a opinião nacional inteira, que, pelos seus melhores filhos, está inteiramente de meu lado.*

Alguns meses depois, em trânsito por Manaus, de onde se dirigia, em missão do Itamarati, para o alto Purus, de novo enche o pai de merecido orgulho. Escreve-lhe ele: *Em todos os portos onde saltei fui gentilmente recebido graças à influencia de seu grande neto Os Sertões. Realmente nunca imaginei que ele fosse tão longe.*

Passemos agora aos acontecimentos que o leva a concretizar seu segundo grande sonho: o conhecimento de um “país” dentro doutro grande país, vale dizer o *Paraíso Perdido* amazônico dentro deste verdadeiro continente chamado sucessivamente de terra de Vera Cruz, Terra de Santa Cruz e finalmente Brasil.

Valendo-nos ainda das informações colhidas ao discurso do acadêmico da Academia Brasileira de Letras Afonso Pena Junior, vejamos como Euclides conheceu, estudou e escreveu sobre a Amazônia acreana.

Guindado a sócio da A.B.L e do I.H.G.B., Euclides encontraria na pessoa do sábio Barão do Rio Branco o apoio imprescindível a fim de viajar, em missão diplomática em direção ao extremo Noroeste do Brasil, para examinar as consequências do contencioso, entre o Peru e a Bolívia em relação ao nosso país.

#### *A Amazônia euclidiana*

Como *Contribuição às Comemorações Euclidianas* realizadas em São José do Rio Pardo [S.P] entre 9 e 15 de agosto de 1947”, em um folheto de vinte e duas páginas, editada pela Sociedade Brasileira de Geografia e do Conselho Nacional de Geografia, o historiador Francisco Venâncio Filho, teve aprovada pelo X Congresso Brasileiro de Geografia, o seu ensaio *Euclides da Cunha e a Amazônia*, com parecer do historiador Wanderley de Pinho e nota-prefácio do embaixador José Carlos de Macedo Soares.

Esse ensaio nos possibilita apreciar a verdadeira *via-crucis* percorrida por Euclides a fim de dar conta de estudar *in loco* as questões lindeiras ora existentes entre nosso país e dois vizinhos

sul-americanos, missão que lhe propiciou escrever a obra *Peru versus Bolívia*. As informações supracitadas são colhidas à substanciosa oração acadêmica de Afonso Pena Junior. Ei-las:

*Os Sertões na ótica de Afonso Pena Junior*

Justamente na véspera da celebração do 1.º Cinquentenário do falecimento de Euclides da Cunha, assim se expressou o escritor Afonso Pena Junior a respeito da obra *Os Sertões* a seus pares na Academia Brasileira de Letras:

*No dia em que O Estado de São Paulo, jornal de Júlio Mesquita [...] enviou Euclides da Cunha a Canudos para a reportagem de crudelíssima campanha, que comovia toda a Nação, prestou o grande jornal notabilíssimo serviço à cultura e civilização do Brasil.”* (Rio de Janeiro / RJ, *Diário Popular*. 14 de agosto de 1959)

E assim justifica seu supracitado juízo: *Graças, com efeito, a essa feliz iniciativa, os sertões requemados e os sertanejos heroicos, mas aí deixados à míngua de tudo, encontraram quem os compreendessem e amasse, tornando-os compreendidos e amados.* (id., ibid.)

E não fala sozinho a respeito da obra: *“os maiores críticos da época -- José Veríssimo Araripe Junior, Medeiros e Albuquerque, Leopoldo de Freitas, Moreira Guimarães exaltam Os Sertões como algo de novo e surpreendente em nossa literatura.”*

Finalmente Afonso Pena Junior relembra *o parecer insuspeitíssimo do Visconde de Ouro Preto, para quem Os Sertões eram o único livro digno de tal nome que se publicou no Brasil depois de 15 de novembro.* (id., ibid.)

Na linha de reflexão de Hipólito Taine, segundo a qual o homem é um produto da raça, do meio [em que vive] e do momento histórico, especula Afonso Pena Jr. sobre a atração que os sertões nordestinos exerciam sobre Euclides. A citação é longa, mas necessária.

*“Nascido na Fazenda da Saudade, Euclides parecia fadado para nos falar do sertão, que é por excelência o solar da saudade. As terras sujeitas a flagelações periódicas, obrigando os homens a sublinhar os rostos para espiar e interpretar no céu qualquer nuvenzinha, são as terras, que têm visgo, as terras que exercem nos pobres habitantes tangidos delas pelo flagelo um tal fascínio, que para elas os atrai de volta, mal têm notícias da clemência dos céus.”*

*Desabafos de Euclides aos amigos*

A mais de um amigo mais chegado, Euclides falou de suas ambições e de seus temores na realização da missão que lhe incumbiu o Barão do Rio Branco no sentido de analisar o contencioso entre Peru e Bolívia, e sua repercussão nas ruas fronteiras com o Brasil.

A Coelho Neto confessa: *Não te direi os dias que aqui passo a aguardar o meu deserto, o meu deserto bravio e salvador, onde pretendo entrar com os arremessos britânicos de um Livingstone e a desesperança italiana de um Lara, em busca de um capítulo novo no romance mal arranjado desta minha vida.*

A José Veríssimo revela com alegria incontida: *Vi com a maior satisfação que o sr. aprova o meu intento de seguir para os remotos pontos de nossa terra que desejo ver e estudar de perto... Para mim esse seguir para Matogrosso ou para o Acre, ou para o alto Juruá, ou para as ribas extremas do Mau, é um meio admirável de ampliar a vida, de torna-la útil e talvez brilhantíssima. Sei que farei muito.*

A Alberto Rangel, diz de sua ansiedade em conhecer e estudar páramos mais distantes de nosso país: *Anseio por outro mergulho no deserto. O deserto é para mim o Brasil, o verdadeiro Brasil ainda indene, ainda não ocupado por uma gente que não o merece. Mas não sei quando terei a ventura de ver-me outra vez na sociedade feliz dos rios, das constelações e das montanhas.*

Entre os ensaios sobre as obras e tarefas de Euclides da Cunha, ressalte-se o do historiador Francisco Venâncio Filho intitulado *Euclides da Cunha e a Amazônia*, tese aprovada pelo X Congresso Brasileiro de Geografia e editada pela Sociedade Brasileira de Geografia e do Conselho Nacional de Geografia, como contribuição às Comemorações Euclidianas realizadas em São José do Rio Pardo, entre o dia 9 e 15 de agosto de 1949, com parecer do historiador Wanderley de Pinho e nota-prefácio do embaixador José Carlos de Macedo Soares.

As vicissitudes enfrentadas e vencidas por Euclides para levar a bom termo as tarefas e estudos que lhe confiou o Barão do Rio Branco seriam bem maiores do que ele imaginara, como bem se pode depreender do ensaio supracitado. Ei-las:

*A via crucis de Euclides da Cunha na Amazônia acreana*

Segundo o historiador Francisco Venâncio Filho (vd. Bibl.), Euclides aproveitou os vários meses passou em Salvador, na Bahia, à espera da ordem de viajar para em Canudos. Aproveitou-os então para recolher nas bibliotecas soteropolitanas a farta bibliografia necessária a subsidiar as

reportagens que estava fazendo para o jornal paulista de Júlio de Mesquita sobre a resistência dos fanáticos seguidores de Antônio Conselheiro contra as sucessivas expedições do Exército Brasileiro, que redundariam em sua obra-prima *Os Sertões*.

Do mesmo modo, teve ele de esperar terminar a vazante do rio Amazonas, durante quatro longos meses, ocasião em que ia recebendo do Itamaraty, então sediado na cidade do Rio de Janeiro, todas as instruções necessárias a levar a bom termo a missão que lhe fora confiada. Data de 12 de julho de 1904 a assinatura do Tratado de Petrópolis, em decorrência do qual deveriam organizar-se as Comissões de Limites que zelariam pela manutenção de um *modus vivendi* tanto quanto possível amistoso com nossos vizinhos países da Bolívia e do Peru.

Coube então a seu amigo Domício da Gama a iniciativa de conduzir Euclides até o nosso então Ministro das Relações Exteriores, o cauteloso e sapiente Barão do Rio Branco, que, à vista do excelente currículo daquele, nomeou-o chefe da Comissão Mista de Reconhecimento do Alto Purus. Mais uma vez, Euclides aproveitou os meses de espera da ordem da partida para recolher nas bibliotecas manauaras tudo o que lhe era necessário ao conhecimento da região a ser estudada. Essa ordem de partida só se daria a treze de dezembro de 1904.

Inicialmente, aqui um exemplo da ética euclidiana. Em carta a seu mestre e modelo Dr. Luís Cruls, dizia: *Alimento, há dias, o sonho de uma viagem até o Acre. Mas não vejo como realizá-la. Nesta terra, para tudo faz-se mister o pedido e o empenho, duas coisas que me repugnam. Elimino por isso a aspiração em que talvez pudesse prestar algum serviço.* (Vd. Bibliografia:1949, 9)

A morte precoce que o colheu no vigor dos seus quarenta e três anos de idade impediu-o de concretizar o projeto de um livro vingador sobre o abandono da Amazônia acreana, a que intitularia *Um paraíso perdido*, do qual deixou as veementes páginas de *À margem da história*, expressas em *Terra sem história*.

A entrevista que concedeu Euclides ao *Jornal do Comércio*, de Manaus, em 28/10/1905, é um relato fidedigno das dificuldades que teve de encarar e vencer para cumprir sua difícil missão de chefe da Comissão Mista de Reconhecimento do Alto Purus. Vejamo-la através de suas próprias palavras: *“Partindo de Manaus a 5 de abril [de 1905], aqui aportamos de volta [do Alto Purus], a 23 do corrente: seis meses e meio. Para muitos isto foi um prodígio de celeridade, dada a quadra imprópria em que seguimos.”* (1949, p. 10)

Em face da complexidade da missão, Euclides privilegiou os dados mais importantes da pesquisa que lhe confiou o Itamaraty. Assim ele os relata: “*De fato, o que importava sobretudo era um juízo claro e pronto, de conjunto das regiões atravessadas, uma síntese enfeixando-lhes os aspectos predominantes.*” (id., ibid.) E as dificuldades aumentaram em decorrência de um infausto acidente:

*Nós podíamos avançar aforradamente, e fizemo-lo, visando ressarcir o tempo que se perdera em Manaus. /§/ Entretanto levamos ainda um mês para chegar à boca do Acre; e quinze dias depois, a 21 de maio [de 1905] tivemos de estacar antes da confluência do Chandless, em virtude do lamentável naufrágio do batelão Manuel Urbano, onde iam os nossos gêneros.*” (id., ibid.)

Resultado do infausto acidente: a retenção no Chandless durou cerca de dez dias. Em razão do acidente, impuseram-se novas providências para a continuação da empresa:

*Retidos pelo doloroso incidente, que nos desaparelhava de recursos precisamente à entrada do de ser, e impunha a reorganização da Comissão enfraquecida justamente na ocasião em que deviam multiplicar-se as suas energias para investir com o desconhecido -- somente em começos de junho abalamos da boca do Chandless para a frente.* (id., ibid., p. 10/11)

Remeiros e varejeiros, estreates e bisonhos, no início, iam muito devagar em direção ao desconhecido, razão por que aí ficaram retidos cerca de dez dias: *Íamos em canoas, e se considerardes que os tripulantes empunhavam, pela primeira vez, os varejões e os remos; se atenderdes que o rio, esgotado, impunha os máximos resguardos no evitarem choques em paus e entalhes nos baixios; e se somardes todas as paradas obrigatórias nas estações em que avaliávamos as distâncias com a luneta de Lugeol [...]* (id., ibid., p. 11)

Resultado: retenção do dobro do tempo previsto para aí ficarem. O que ocorreria, então, diante de tanta inexperiência dos eruditos dos livros, em relação às pontencialidades dos remos e varejões? Responde-o Euclides: “*ajuizareis de todo o nosso desapontamento e quase desânimo resultantes de um confronto de nossa marcha ronqueira de três a quatro milhas diárias e o desmedido da distância a percorrer.*” (id., ibid., p. 11)

Mas nem tudo foram acidentes e decepções: *Estas coisas, porém, foram melhorando em marcha. O soldado ou o trabalhador bisonho a pouco e pouco se transmudou no varejador desempenado, e a observação persistente do regime das águas esclareceu os proeiros no se desviarem dos sucessivos obstáculos. [...]*” (id., ibid., p. 11)

Em termos de tempo, quais foram os ganhos dessa aprendizagem? Responde-o Euclides: “[...] *de sorte que, duplicada a breve trecho a nossa marcha, fomos atingindo celeremente as principais escalas do roteiro. [...] A 3 de junho chegamos a Novo Lugar, onde estacionara a Comissão Administrativa Brasileira, tolhida pela vazante; a 21 estávamos em Cataí, a 29 em Curanjá. Compensaram bem, nesta arrancada, parte do tempo que se perdera.* (id., id., p. 11)

E a odisseia euclidiana rumo ao gigante desconhecido prossegue cheia de percalços: *Partimos de Curanjá a 5 de julho, depois de breve demora para se regularem os nossos cronômetros, e zarpamos para a forquilha longínqua do Purus. [...] Íamos para o misterioso. Não pode negar-se que, até aquela data, existia entre nós e as nascentes do Purus, descido, um desmesurado telão, no-las escondendo.* (id., ibid., p. 11)

Novo resultado: retenção de seis dias em Curanjá. O calor humano que a Comissão encontraria nos habitantes de Curanjá compensaria todos os obstáculos. Vejamo-lo: *Ademais no o ‘casario’ de Curanjá, onde fomos bem acolhidos, avultavam, mais desanimadores, os informes relativos aos lugares que íamos atravessar. [...] Conluía-se que eram impenetráveis, somente acessíveis às ubás ligeiras dos caucheiros tripuladas pelos Amauacas mansos.*” (id., ibid., p. 11)

Em contraste com o calor humano dos anfitriões de Euclides, a Natureza lhe foi madrastra e avara: *Multiplcavam-se os paus, as pedras e os baixios que trancavam o rio. Repontavam os obstáculos novos das cachoeiras, no leito, e grandes tremedais às margens dos rios esgotados, e, cumulando tais empeços ao cabo, o antagonismo dos Campas destemerosos.* (id., ibid., p. 11)

Com base no testemunho dos habitantes do lugar, Euclides tinha tudo para procrastinar a dura empresa, porém não o fez. Ouçamo-lo: *Citava-se o homicídio de um empregado da casa Arana, desta cidade, e, apensos a esse caso verídico, sem número de outros vinham engravecer os desalentos, dando-nos quase certeza de que não poderíamos ir muito longe.* (id., ibid., pág. 11)

Diante do exposto, qual seria a reação de Euclides? Vejamo-lo: *“E, como experimentado caucheiro de Curanjá nos marcara 17 dias para chegarmos à Forquilha, imaginamos efetuar essa travessia em 25 pelo menos. [...] Fizemo-la em 13. A diferença é expressiva e dispensa comentários no delatar o afogado da sulcada. Contribuiu certo, para isso, a mudança do clima que rapidamente varia, tornando muito superior aos lugares a jusante.* (id., ibid., pag. 11)

Aleluia! Eis um trecho sem pernilongos para compensar as futuras dificuldades: *A própria praga de ‘carapanãs’, ‘piuns’ e ‘mantablanças’, que para baixo tortura o viajante ali desaparece; e, numa constância admirável, sem repentinas transições de temperatura e sem a pesada umidade que até então suportávamos, o regime geral tem uma ação tonificante, cujos efeitos para logo sentimos no mesmo reanimar-se de nossas disposições para o avançamento. Mas, por outro lado, lá estavam, tangíveis, as grandes dificuldades contra as quais embateríamos, impotentes.*” (id., ibid., p. 11)

Longas viagens empreendidas por terra que, ao tempo de Euclides, demandavam meses, hoje se reduzem a algumas horas, se realizadas por via aérea na imensidão amazônica. Aqueles que não conhecem o Acre mal podem ter uma ideia das canseiras sofridas por ele a fim de dar cabo de sua penosa missão de dirimir dúvidas existentes, àquela época, em torno dos limites brasileiros no extremo noroeste do Brasil. Devolvamos-lhe a palavra: *No rio Cujar, que conduz ao varadouro por assim dizer oficial, percorrido até hoje pelos que demandam Iquitos, pelo Ucaiale, aguardávamos, à parte os bancos de areia e paus, 74 cachoeiras. Se as transpusessemos, chegaríamos ao Cavaljane, onde os entraves redobriariam ao lado dos mesmos empecilhos das quedas d’água... Depois viria a passagem penosíssima do Pucani, para afinal entrar-se no varadouro.*” (id., ibid., p. 12)

E as dificuldades continuaram para Euclides: *No Curiuja idênticos obstáculos [...] Sobretudo isto, ameaça dos ‘infiéles’. Duas horas de alcançarmos aquele ponto, tínhamos visto, atirado no barranco esquerdo do rio, num claro, entre as frecheiras, o cadáver de uma mulher, uma Amauaca. Fora, ao que colhemos depois, trucidada pelos bárbaros, que rondavam por perto, numa ameaça permanente e surda.* (id., ibid., p. 12)

À medida que Euclides avançava, cresciam os obstáculos a transpor e vencer: *Vede bem: íamos na complicada urdidura de um conto oriental; os trabalhos cresciam-nos à medida que os vencíamos. [...] Assim partimos da Forquilha, confluência do Cujar e do Curiuja, para a frente. [...] E fomos a meia ração. Bem andávamos paragens despovoadas e os víveres que levávamos, no máximo para 25 dias, reduziam-se a carne seca, farinha, que se acabou ao fim de 12 dias, um pouco de açúcar que, tenazmente poupado, durou 2; meio garrafão de arroz, uns restos de bolacha esfarinhada, que uma chuva repentina diluiu, e algumas latas de leite condensado. [...] Propositadamente apresento esta lista. É eloquente.* (id., ibid., p. 12)

E o ‘inferno verde’ continua a pregar peças no pobre Euclides: *Prosseguimos a 24 ---- e vimos logo o fundamento das informações obtidas. -- Na parte inferior, antes do primeiro rápido, o Cujar desenrolado em estirões, alargando-se não raro de modo desproporcionado às suas águas escassas, dificultou a passagem pelos longos e descontínuos baixios, indo de uma a outra margem sem o mais estreito canal que evitasse o exaustivo serviço do arrastamento das canoas.* (id., ibid., p. 12)

Mas não ficaram somente nas coroas sedimentares do fundo dos rios as dificuldades de Euclides. A natureza vegetal também lhe foi avara madrastra: *Um empenho novo, aparentemente desvalioso, aparecera na vegetação característica de suas margens, orladas de ‘buchiticas’ (caliandra trinervia), leguminosa admiravelmente artística, cujos ramos, distendidos horizontalmente e repousando sobre as águas, tomavam em largos tratos os trechos de melhor acesso”* (id., ibid., p. 12)

E quais as consequências disso para a continuação da viagem euclidiana? Ele próprio as explica: *Desta sorte, antes mesmo de galgarmos a parte encachoeirada, tivemos tresdobrada a luta que traváramos desde a confluência do Chandless e vimo-la engravecida pela impropriedade de nossas embarcações mui diversas das ubás aligeiradas, únicas que se afeiçoam àquele rio”* (id., ibid., p. 12)

Nesse trecho da peregrinação de Euclides, o mais simples problema a resolver era a sincronia dos relógios, pois, àquela altura, o fuso horário enlouquecia os cronômetros da delegação mista. Para agravar a situação, os rios já não mais lhe apresentavam simples coroas de areia, mas verdadeiros degraus a galgar e ultrapassar: *Transmontamo-lo; e dali por diante, numa intercadência invariável, numa sucessão intervalada de degraus, se nos antepuseram aquelas barreiras, vencidas não raro a pulso, lentamente arrastadas as canoas sobre as pedras, quando não exigiam o supletivo da sirga ou cabos de segurança reagindo à violência tumultuária da correnteza.* (id., ibid., p. 12)

Felizmente se muda a situação: *A natureza do terreno mudara. [...] Revelavam-no as pedras que afloram por toda a banda, formando quase todo o leito do rio.* (id., ibid., p.12) E Euclides comemora: *“No dia 30 de julho alcançamos a confluência do Cavaljane. Estávamos nas cabeceiras do Purus.* (id., ibid., p. 13) E continua: *Atingindo o primeiro rápido, vimos para logo, à parte os inconvenientes próprios à sua passagem uma causa inevitável de demora na baldeação por terra, perlongando os barrancos, as divergências dos nossos cronômetros já tão*

*duramente batidos pela navegação anterior.” (id., ibid., p. 12) Prosseguimos -- chegando no dia 3 de agosto às 12 horas e 55 minutos à entrada do Pucani; e às 12 e 58 desembarcados, penetrávamos na estreita quebrada que leva ao varadouro. Note este intervalo. Não podíamos parar. Os nossos gêneros esgotavam-se e estávamos em pleno deserto...” (id., ibid., p. 13)*

Graças ao material descartado por seus antecessores na arriscada empresa, Euclides retomou a via: *“O Pucani tortuoso, estreito de uns três metros e em geral raso, foi percorrido a pé, transpostos os profundos poços em que intermitentemente se afunda, pelos atalhos que lhe ladeiam os barrancos, dentro do mato. Sem guias, não nos transviamos por uma outra quebrada igual que lhe aflui à esquerda, graças às latas vazias, de conservas e pólvora, que íamos encontrando [...]” (id., ibid., p. 13)*

E daí, a chegada ao termo da jornada ficar-lhe-ia mais fácil: *[...] de sorte que às 3 e 15, ao chegarmos a um último poço, deparávamos -- retilíneo, atrevidamente arremessado por uma vertente fortíssima -- o sulco do varadouro... [§] Extremam-no quatro ‘tambos’ de paxiúba, onde se acolhem os viajantes e se guardam as mercadorias. (id., ibid., p. 13)*

Aqui, o promissor anteclímax deste relato: *O varadouro, largo de um metro, abre-se adiante, para o sul. Empina logo em ladeira e muito mais íngreme do nosso lado, descamba depois, mais suavemente, em três pequenos socalcos, para o vale do Ucaiale. Em alguns minutos estávamos no seu ponto culminante, e não conseguimos, absolutamente, observar o aneroide. (id., ibid., p. 13)*

Interrompamos aqui a sequenciação dos parágrafos deste ensaio para respigar outras dificuldades antes do deslumbramento de Euclides diante do crepúsculo vespertino nos lados do Urubamba.

Do relatório apresentado por Euclides ao Itamaraty no retorno ao Rio de Janeiro, em junho de 1906, pincemos alguns trechos em que ele relata as contínuas dificuldades que teve de vencer até chegara às cabeceiras do Purus, termo de sua missão. Com a palavra Euclides: *Estávamos, finalmente, no ponto do grande rio de onde atravessaríamos para lugares nunca cientificamente explorados. De fato William Chandless, com a sua prodigiosa tenacidade, chegara até ali; mas, no prosseguir, tomara rumo diverso daquele que devíamos seguir. (id., ibid., p. 15)*

O cuidadoso planejamento da longa viagem impediu-lhe incorresse nos erros de Chandless: *Avançara pelo ramo extremo do norte, do qual apenas percorreu mui poucas milhas,*

*ao passo que nós prosseguiríamos pelo que investe francamente para o sul. Esta circunstância não pouco contribuiu para que nos refizéssemos do alento.* (id., ibid., p. 15)

Eis mais pormenorizadamente por que o cientista inglês errou, e Euclides acertou o caminho: *Tratava-se, realmente, de longo trecho do Purus, por certo bem conhecido de todos os caucheiros daquelas bandas, mas não apresentado ainda à ciência geográfica, como o revela a mesma circunstância de termos deparado ali o primeiro e talvez o único erro do ilustre Chandless no traçar o Cavaljane com o rumo, de todo falso, de leste para oeste.* (id., ibid., p. 15)

A riqueza de importantes e lúcidas análises realizadas na tese do historiador Francisco Venâncio Filho, de que nos vimos ocupando até aqui, leva-nos a pinçar de sua tese, estes outros trechos que deitam luz no périplo euclidiano pelas cabeceiras do rio Purus. Assim fala Euclides em sua posse na Academia Brasileira de Letras em dezembro de 1906: *há dois anos entrei, pela primeira vez naquele estuário do Pará, 'que já é rio e ainda é oceano', tão ineridos estes fâcies geográficos se mostram à entrada da Amazônia. Mas, contra o que esperava, não me surpreendi... Afinal, o que prefigurava grande era um diminutivo: o diminutivo do mar, sem o pitoresco da onda e sem os mistérios da profunda.*" (id., ibid., p. 16) E por que essa estupefacção? O próprio Euclides explica o porquê dessa estupefacção:

*"[...] na ante-manhã do outro dia -- um daqueles 'glorious days', de que nos fala Bates, subi para o convés, de onde, com os olhos ardidos de insônia, vi, pela primeira vez, o Amazonas..."* (id., ibid., p. 16)

Em carta a seu amigo Artur Lemos, ele relata por que foi virtualmente esmagado pela grandeza do rio-mar: *"Se escrevesse agora, esboçaria miniaturas do caos, incompreensíveis e tumultuárias, uma mistura formidável de vastas florestas inundadas e vastos céus resplandecentes."* (id., ibid., p. 16/17) E continua, estupefacto, seu relato: *"Entre tais extremos está, com suas inumeráveis modalidades, um novo mundo que me era inteiramente desconhecido..."* (id., ibid., p. 17) Relato esse, que prossegue no mesmo diapasão: *"Além disso, esta Amazônia recorda a genial definição do espaço, de Milton: esconde-se em si mesma. O forasteiro contempla-a sem a ver através de uma vertigem."* (id., ibid., p. 17) Para concluir, impotente:

*"Ela só lhe aparece aos poucos, vagarosamente, torturantemente. [§] É uma grandeza que exige a penetração sutil dos microscópios, e a vida apertadinha e breve dos analistas, é um infinito que deve ser dosado. [§] Quem terá envergadura para tanto? Por mim não a terei."* (id., ibid., p. 17)

O gênio de Euclides era, sim, capaz de domá-lo fotografando-o fielmente nas obras que planejou escrever, ambicioso projeto infelizmente interrompido por sua morte precoce aos quarenta e três anos de idade apenas... Com a elegância e a erudição que lhe eram peculiares, ele o diz a respeito da notícia de que estaria escrevendo uma obra sobre a Amazônia, de resto sintetizadas nas ideias nucleares do seu prefácio à obra *Inferno verde*, de Alberto Rangel: “[...] *se realmente conseguir escrever o livro anunciado, não lhe darei título que se relacione demais com a paragem onde Humboldt aventurou as suas profecias e Agassiz cometeu seus maiores erros.*” (id., *ibid.*, p. 17)

Qual seria a solução desse problema, ele a apresenta: “*Escreverei um Paraíso perdido, por exemplo, ou qualquer outro em cuja amplitude eu não fosse capaz de uma definição positiva dos aspectos de uma terra que, para ser bem compreendida, requer o trato permanente de uma vida inteira.* (id., *ibid.*, p. 17) Chega a ser tragicamente profética essa reflexão. Vivesse Euclides o dobro dos dias que viveu, e teria levado a bom termo a grande obra merecida pela Amazônia e por seu povo ordeiro e trabalhador. Sobre esses elementos, são basilares as ideias por ele expendidas em sua obra *À margem da história*, da qual focaremos alguns pontos.

Contando pouco mais de um centenário de sua constituição em nossos dias, entenderemos melhor as reivindicações em favor do seu povoamento naqueles distantes dias de sua formação humana. No cap. 1 das *Impressões gerais*, denuncia a situação sub-humana e escravizada em que vivia o seringueiro do extremo noroeste brasileiro.

O rio Purus, por exemplo, que ele conhecia bem, é alvo deste paralelo no capítulo *Rios em abandono* daquela obra: *Von den Stein, com a agudeza irrealizável de seu belo espírito, comparou algures, pinturescamente, o Xingu a um ‘enteado’ da nossa geografia. Estiremos o paralelo: O Purus é um enjeitado.*” (id., *ibid.*, p. 17) E sabiamente conclui:

“*Precisamos incorporá-lo ao nosso progresso, do qual ele será, ao cabo, um dos maiores fatores, porque é pelo seu leito desmedido em fora que se traça, nestes dias, uma das mais variadas linhas da nossa expansão história.*” (id., *ibid.*, p. 18)

No capítulo seguinte, *Um clima caluniado*, critica aqueles que consideravam difícil viver-se no Acre [nosso então novíssimo território!], mostrando que lá os mais fortes triunfam. São suas estas palavras: “*Policiou, saneou, moralizou. Elegeu e elege para a vida os mais dignos. Eliminou e elimina os incapazes, pela fuga e pela morte. [§] E é por certo um clima admirável o*

*que prepara as paragens novas para os fortes, para os perseverantes, para os bons.”* (id., *ibid.*, p. 18)

Tanto no capítulo *Os caucheiros*, quanto no *Judas Ashaverus*, retrata a crescente auto-destruição a que estão fadados os migrantes brasileiros que demandam o extremo noroeste de nosso país, tão sacrificado pelas oscilações climáticas, quanto escravizado economicamente pelos fornecedores de seus mantimentos de primeira necessidade.

Assim também, tanto no capítulo *Brasileiros*, no qual estuda a formação do Peru, quanto no *Transacreana*, em que sugere a construção de uma ferrovia, e a arte anda *pari passu* com a engenharia, Euclides chega a ser novamente profético, ponto no qual infelizmente não previu a precedência econômica da rodovia sobre o tipo por ele sugerido:

Construindo-se “*uma grande estrada internacional de aliança civilizadora e de paz,*” reduzir-se-iam os “*riscos tortuosos do Purus, Juruá e Javari*”, para cujo fim “*há que cortar transversalmente, com uma linha férrea, de cerca de 726 quilômetros.*” (id., *ibid.*, p. 18) E conclui poeticamente seu relato com este parágrafo demonstrativo de seu orgulho pelo grande país em que nasceu:

*“O sol desce para os lados do Urubamba... Os nossos olhos deslumbrados abrangiam, de um lance, três dos maiores vales da Terra; e, naquela dilatação maravilhosa dos horizontes, banhado no fulgor de uma tarde incomparável, o que eu principalmente distingui, irrompendo de três quadrantes dilatados e trancando-os inteiramente ao sul, ao norte e a leste -- foi a imagem arrebatadora de nossa pátria, que nunca imaginei tão grande.* (id., *ibid.*, p. 13)

Nos arquivos do Itamaraty, guardam-se seis documentos da época em que o barão do Rio Branco o manteve como auxiliar na fixação dos nossos limites do extremo noroeste brasileiro com os países vizinhos, especialmente com o Peru e a Bolívia.

Se algum dia futuro vier a realizar-se a predição de Humboldt, segundo a qual, mais cedo ou mais tarde, se concentraria a civilização do globo na Amazônia brasileira, ter-se-á de lembrar o nome de Euclides da Cunha e daquele ilustre e sábio embaixador, os quais, ao lado de Plácido de Castro e de centenas de migrantes, principalmente nordestinos, estão fazendo, até hoje, do estado do Acre um recanto de carinho e aconchego para com seus visitantes e de invejável enriquecimento para nosso país.

Deve-se ainda ao devotado euclidianista Francisco Venâncio Filho, dois importantes folhetos, ambos editados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, e pelo Conselho

Nacional de Geografia em agosto de 1949. O intitulado simplesmente de *Euclides da Cunha* foi especialmente dedicado às Comemorações Euclidianas. O outro, editado pelas mesmas instituições, intitulado *Euclides da Cunha e a Amazônia*, foi a tese aprovada pelo X Congresso Brasileiro de Geografia.

Note-se bem: há 64 anos, sua obra-prima *Os Sertões* já alcançara treze edições, as três primeiras com o selo da Laemmert entre 1902 e 1905; e as seguintes com o da Francisco Alves, ambas cariocas. A essa altura, *Os Sertões* já ostentavam quatro traduções em língua estrangeira, a saber: uma argentina em 1938; uma norte-americana de permeio, traduzida pelo famoso Samuel Putman, s/d; outra francesa, de Sereth Neu em 1947, saída no Rio de Janeiro, com o selo das edições Caravela; e, finalmente, uma dinamarquesa, de Richard Wagner Hansen e ilustrada por Ib Andersen, saída em Copenhague em 1948.

Não temos ideia de quantas as sucederam. Tornou-se uma ópera lírica da autoria de Fernand Jouteux; e R. B. Cunninghame Graham a traduziu para o inglês sob o título de *The life and miracles of Antonio Conselheiro*, e editada em Londres por William Heinemann em 1980.

Sob a rubrica de *Adaptações de Os Sertões*, nada menos que dezoito títulos; além das supracitadas, as seguintes: Relatório da Comissão Mista Brasileiro-Peruana de Reconhecimento do Alto-Purus (RJ. Imprensa Nacional, 1906, 180 págs.); a conferência Castro Alves e seu tempo, com cerca de 40 págs., de 1907, reeditada em 1917; e as obras maiores: Peru versus Bolívia, com duas edições cariocas e cerca de 200 págs (1907 e 1939), reeditada em Buenos Aires, em tradução de Eliodoro Villazon; sob o título de *La cuestion de limites entre Bolivia y el Perú* (1908), com 151 págs., ; e a miscelânea *Martins Garcia / Juicios críticos* (Buenos Aires, 1908) com 113 págs.)

Destacam-se de todas essas obras, *Contrastes e confrontos*, com 26 capítulos, cujas cinco primeiras edições saíram pela Empresa Literária Tipográfica, do Porto, Portugal, sucessivamente em 1907 (duas edições, a 1.<sup>a</sup> com 248 págs. e a 2.<sup>a</sup> com 342 págs.), e mais quatro entre 1913 e 1923, sendo a última com o selo da Chardron, dos irmãos Lelo, no Porto, Portugal; bem como *À margem da história*, cujas quatro edições, já póstumas, saídas com o selo da última citada, entre 1909 e 1926, cujos capítulos, agrupados em quatro partes, foram assim distribuídos: 1.<sup>a</sup>) *Terra sem história* (Amazônia); *Impressões gerais*, *Rios em abandono*; *Um clima caluniado*; *Os caucheiros*; *Judas Ashaverus* (excerto), *Brasileiros*; *Transaccreana*; 2.<sup>a</sup>) *Estudos vários*:

*Viação sul-americana; Martins García e O primado do Pacífico; 3.<sup>a</sup>) Da Independência à República / Esboço de história política; 4.<sup>a</sup>) Estradas indecifráveis.*

Ainda postumamente, a carioca José Olímpio, em 1939, editou *Canudos*, dividido em três partes, a saber: 1.<sup>a</sup>) *Diário de uma expedição*; 2.<sup>a</sup>) *Telegramas e plano de assalto a Canudos, do general Artur Oscar*; 3.<sup>a</sup>) *A nossa Venda e O Batalhão de São Paulo*. Coligidas por Renato Travassos, a carioca Waismann, Reis e Cia., em 1931, editou as *Cartas de Euclides da Cunha a Machado de Assis*; e, em 1938, com 250 págs., a Cia. Editora Nacional editou, com introdução e notas do euclidianista Francisco Venância Filho, o volume de cartas intitulado *Euclides da Cunha a seus amigos*. Enfim, cerca de cem trabalhos deixou Euclides esparsos nos jornais da época.

#### *Fortuna crítica da obra de Euclides da Cunha*

Finalmente procuraremos pinçar aqui alguns dos mais expressivos juízos críticos da bibliografia ativa do nosso intemorato desbravador brasileiro. Só para se ter uma pálida ideia da importância da obra euclidiana, no distante agosto de 1949, o historiador Francisco Venância Filho relacionou nada menos que 350 estudos sobre ela, entre os quais cerca de trinta de sua própria autoria.

Outrossim, o historiador Edgar Süsserkind de Mendonça, naquele mesmo ano, planejou editar em doze volumes a obra de Euclides. Trabalho memorável, esse conjunto, sem dúvida alguma, permitirá às novas gerações conhecer em profundidade a memorável obra do grande bandeirante que foi Euclides.

Em um jornal carioca ainda por identificar, sob o título de *Analisa a realidade brasileira*, em 14/08/1959, o escritor Paulo Dantas afirmou de Euclides: “[...] *ter traçado da nossa gente e do nosso meio ‘um quadro nosológico arrepiador e trágico’ num ‘imaginosa fabular de agruras’, sem nunca, entretanto, perder a exata perspectiva da colocação dos problemas e a esperança no aproveitamento e na redenção do nosso homem e da nossa terra na sua marcha de libertação [...]*”

E conclui mui acertadamente: “[...] *que o Brasil e o mundo inteiro veneram a memória de Euclides da Cunha colocando o seu exemplo ao lado das figuras decisivas do pensamento universal, já que agora reconhecido no mundo inteiro, é ele um dos escritores apontados pelo Conselho Mundial da Paz no sentido de ter o cinquentenário de sua morte celebrado com brilho e dignidade, no Ocidente e no Oriente.*”

***Bibliografia passiva comentada***

1. *Revista de História da Biblioteca Nacional. Edição especial [dedicada a] Euclides da Cunha / o homem, a obra-prima, a morte trágica.* Ano 4, n.º 47, agosto de 2009. Com excelentes ensaios de Regina Abreu, Leopoldo Bernucci, José Murilo de Carvalho, Raimundo Nonato Pereira Moreira e Nísia Trindade Lima; com a foto do busto de Euclides na capa, tendo como pano de fundo a litogravura do arraial de Canudos antes de sua destruição, da autoria de D. Urpia (1897). Bastante esclarecedora de aspectos da vida de Euclides a entrevista concedida pelo Dr. Alberto Venâncio Filho, membro da A.B.L., aos jornalistas Marcello Scarrone e Rodrigo Elias, sobre as relações de amizade, sobre algumas equivocadas interpretações de certas atitudes de Euclides e, especialmente, sobre *Os Sertões*, considerada universalmente a obra-prima de Euclides.
2. *Diário Popular / Rio de Janeiro/RJ, 14/08/1957.* Notícias e telegramas / Completam-se amanhã / cinqüenta anos da / morte trágica de Euclides da Cunha. / Na Academia Brasileira de Letras, Afonso Pena Junior focalizou aspectos da vida e da obra d[o] autor de *Os Sertões*. Essa matéria foi reproduzida pelo *Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, RJ*, logo a seguir.
3. VENÂNCIO FILHO, Francisco. *Euclides da Cunha e a Amazônia / tese aprovada pelo X Congresso Brasileiro de Geografia / com parecer do historiador Wanderley de Pinho e nota-prefácio do embaixador José Carlos de Macedo Soares/ Edição da Sociedade Brasileira de Geografia e do Conselho Nacional de Geografia [como] contribuição às comemorações euclidianas / realizadas em São José do Rio Pardo (SP) / entre 9 e 15 de agosto de 1947.*
4. 4. Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda (DEIP/SP) de São José do Rio Pardo / Divisão de Turismo e Diversões Públicas (1943). Ensaio sobre a vida e/ou a obra de Euclides da Cunha da autoria de Cândido Motta Filho, Roberto Simonsen, Manoel Mendes e Afrânio Peixoto, sob o título geral de *Comemorações Euclideanas em São José do Rio Pardo*.
5. Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda (DEIP/SP) de São José do Rio Pardo / Divisão de Turismo e Diversões Públicas (1946). Ensaio sobre a vida e/ou a obra de Euclides da Cunha da autoria de Guilherme de Almeida, Maria José Dupré, Guilherme de Almeida, Almeida Magalhães, Francisco Pati, Samuel Putnam, Francisco Venâncio Filho e Hercílio Ângelo.
6. LUCAS, Fábio. *Euclides da Cunha no cinqüentenário [de seu falecimento]*. Rio de Janeiro, Correio da Manhã, 28/05/1960.
7. ----- *Euclides da Cunha no cinqüentenário [de seu falecimento]*. Rio de Janeiro, Correio da Manhã, 11/06/1960.
8. ----- *Euclides da Cunha no cinqüentenário [de seu falecimento]*. Rio de Janeiro, Correio da Manhã, 02/07/1960.

9. VIANA F.º, Luiz. *À margem d'Os Sertões (I)* Rio de Janeiro, Jornal do Brasil, 08/06/1950.
10. VIANA F.º, Luiz. *À margem d'Os Sertões (II)* Rio de Janeiro, Jornal do Brasil, 15/06/1950.
11. FACÓ, Rui. *A permanência de Euclides da Cunha*. Rio de Janeiro, RJ, Novos Rumos, 14/08/1959.
12. DAVID, Carlos. *Euclides, fornecedor de matéria-prima*. Rio de Janeiro, RJ, Correio da Manhã, 28/11/1959.